

TV+

# Sobre AMOR, dor e ARTE

*Amar é para os fortes* estreia na Amazon Prime Video com história sobre maternidade em um contexto de racismo, injustiça e violência



POR PEDRO IBARRA

Um tiro em alguém da comunidade é um tiro em toda a favela. Essa mensagem é o cerne de *Amar é para os fortes*, nova série da Amazon Prime Video que estreia na próxima sexta-feira. A série, inspirada pelo álbum homônimo de Marcelo D2, acompanha uma jornada de amor, arte e dores muito distintas de duas mães negras que têm as famílias vítimas da opressão e violência do estado do Rio de Janeiro.

No enredo, Rita (Tatiana Tiburcio) perde o filho Sushi (João Tiburcio) após ele ser confundido com um criminoso em uma invasão policial ao Complexo da Maré. O responsável pelo tiro é o jovem policial Digão (Maicon Rodrigues), que fica atormentado pelo erro que custou a vida de uma criança de 11 anos. A mãe do autor do disparo, Edna (Mariana Nunes), tenta então resolver a situação da melhor forma possível. Em outro núcleo, Sinistro (Breno Ferreira), irmão de Sushi, tenta organizar uma resposta ao caso por meio do enfrentamento artístico.

A história, portanto, gira em torno dessas duas mães que, de uma forma ou de outra, não conseguiram proteger os próprios filhos do mundo. A narrativa apresenta Rita em busca de justiça por Sushi e a dor de ser silenciada pelo Estado. Edna, por sua vez, vive a dor de ter que ver o filho arcar com as consequências das próprias escolhas. O teor racial dá outra camada para história, afinal o racismo estrutural é ponto crucial para o desenrolar dos eventos.

O seriado é todo muito pesado e trata de dores de pessoas reais, apesar de ser uma ficção. “É a luta por memória, justiça, por causa de um filho que você perdeu para violência do Estado é uma força que move o mundo”, afirma Antonia Pellegrino, criadora da série, ao lado de Marcelo D2 e Camila Agustini, e responsável pela adaptação do álbum visual para o novo formato. “Trabalhamos uma questão super complexa, que tem muita responsabilidade e que tem uma combinação muito feliz de forma e conteúdo. Queríamos trabalhar com a história que tínhamos mas ao mesmo tempo fugir do chavão do ‘bandido e mocinho’, figuras que não existem aqui”, complementa Camila.